

### CAPÍTULO 3. DA FRAGILIDADE DO CORPO ORGÂNICO E OS LIMITES DOS ÓRGÃOS SENSORIAIS

Examinados os conceitos de percepção e consciência, neste e no capítulo seguinte analisaremos os fatores que levam Leibniz a considerar que a apercepção humana deixa de existir para dar lugar àquelas percepções que ele designa como sem apercepção e sem reflexão, e que nós estamos chamando percepções inconscientes.

Especificamente neste capítulo, examinaremos os fatores que se seguem da conclusão apresentada na seção anterior. Ou seja, os fatores ligados imediatamente à *sensação*, que, como vimos, é a base para a existência da apercepção, tanto nas almas animais quanto nas almas humanas. E de onde derivamos que não pode existir consciência, nem dos objetos sensíveis, nem dos objetos inatos, se não houver *sensação*: “Não estamos nunca sem *percepções*, mas é necessário que estejamos muitas vezes sem *apercepções*. Isso ocorre quando não existem percepções distintas<sup>27</sup>” (NE, II.xix.§4, p.127).

Apesar de não sofrer nenhuma afetação por parte de seu corpo orgânico, nem afetá-lo diretamente de qualquer maneira que seja, vimos que a alma sempre corresponde em tudo ao seu corpo e vice-versa, dado que entre eles existe uma harmonia, preestabelecida por Deus desde o início dos tempos:

Deus, no começo, criou de uma vez a alma e o corpo com tanta sabedoria e tanto artifício, que, segundo a própria constituição e noção primitiva de cada qual, tudo o que tem lugar por si mesmo em um corresponde a tudo o que tem lugar no outro (C, *Verdades Primeras*, p.521).

Devido a essa correspondência, Leibniz afirmará que, da mesma maneira que as almas animais são incessantes e as almas humanas são imortais<sup>28</sup>, os corpos orgânicos são imperecíveis, não existindo nascimento e morte para eles, mas apenas transformação, i.e., diminuição e aumento, envolvimento e desenvolvimento: “na minha tese, a dificuldade que há em compreender a conservação das almas (ou melhor, segundo o meu pensar, do animal) não é maior do que a que existe em explicar a mudança da lagarta em borboleta” (NE, Pref., p.45).

---

<sup>27</sup> O termo ‘percepções distintas’, nesta passagem, é usado para se referir às **percepções claras** da alma, que correspondem às *sensações* no corpo. Cf. o início do capítulo anterior.

<sup>28</sup> Cf. NE, II.xvii.§9, p.183.

Assim, não somente as almas, mas também os animais são ingênitos e imperecíveis: eles estão apenas desenvolvidos, envolvidos, revestidos, transformados. As almas nunca deixam todo o seu corpo, e não passam de um corpo à outro que lhe seja inteiramente novo. Não existe *metempsicose*, mas existe *metamorfose*. Os animais mudam, adquirem e deixam somente partes. Isso acontece pouco a pouco, e por pequenas parcelas insensíveis, porém, de forma contínua na nutrição, e de uma só vez, notavelmente, ainda que raramente, na concepção e na morte, que os fazem adquirir ou perder tudo ao mesmo tempo (PNG, §6, p.43-5).

Subsistindo sempre, apesar das transformações a que estão sujeitos, Leibniz afirmará também, como vemos na passagem acima, que todas as almas estão sempre ligadas a um “mesmo”<sup>29</sup> corpo, pois, tal como não existe nascimento e morte para eles, não existe metempsicose para as almas (i.e., passagem de um corpo ao outro), mas apenas uma sempiterna ligação: seja a alguma parte do mesmo organismo quando ele morre (diminui), seja a composições mais complexas do mesmo, quando se desenvolve.

não existe *transmigração*, pela qual a alma abandona completamente seu corpo e passa a um outro. Ela conserva sempre, mesmo na morte, um corpo organizado, parte do anterior, embora aquilo que conserva seja sempre sujeito a dissipar-se insensivelmente e a recompor-se e até sofrer em certo tempo uma grande mudança. Assim sendo, ao invés de uma transmigração da alma, existe transformação, envolvimento ou desenvolvimento, e finalmente fluxo do corpo desta alma (NE, II.xxvii.§6, p.181).

Todavia, se a “morte” do corpo não condiz exatamente com sua total aniquilação (deixar de ser), Leibniz afirma que ela se reflete em uma baixa da capacidade de seus órgãos sensoriais obterem *sensação*. Ficando reduzida também, pela correspondência, a capacidade da alma em perceber claramente o âmbito dos objetos materiais. É o que Leibniz designa no Prefácio dos *Novos Ensaios* como a passagem de uma sensibilidade maior para uma sensibilidade menor:

acredito, juntamente com a maioria dos autores antigos, que (...) todas as almas, todas as substâncias simples criadas estão sempre unidas a um corpo, e que nunca existem almas completamente separadas. Tenho para isso razões *a priori*, mas existe ainda uma vantagem nessa tese: ela resolve todas as dificuldades filosóficas sobre o estado das almas, sobre a sua conservação perpétua, sobre a sua imortalidade e sobre o seu modo de operar. **A diferença de um de seus estados em relação ao outro consiste**

<sup>29</sup> Quanto a essa mesmidade dos organismos, é importante notarmos que do corpo não se diz o ‘mesmo’ por sua própria conta, mas, fundamentalmente, em razão da alma, que subsiste e perfaz sempre, desde o início até o fim dos tempos, a *mesma vida* no corpo orgânico ao qual ela está ligada: “(...) o corpo organizado não é o mesmo além de um momento; é apenas equivalente. E se não nos referirmos à alma, não haverá a mesma vida nem tampouco *união vital*. Assim, essa unidade seria meramente aparente” (NE. II.xxvii.§6, p.181). Por isso, é à alma que devemos relacionar a mesmidade, ou identidade, dos corpos. Veremos esta questão novamente no último capítulo da Dissertação.

**apenas em passar de uma sensibilidade maior a uma sensibilidade menor, do mais perfeito para o menos perfeito (ou vice-versa)** (NE, Pref., pp.44-5).

Por isso, quando seu corpo orgânico “morre”, a alma não consegue mais desenvolver qualquer apercepção sobre os entes externos e materiais. E os espíritos não conseguem mais se aperceber das idéias inatas de seu entendimento puro.

Soma-se a isso o fato das transformações dos corpos não se reduzirem apenas ao seu nascimento e morte, mas também a toda uma série de vicissitudes que se dão ao longo desses dois marcos aparentes de seu fluxo perpétuo. Assim, quando o corpo ou seus órgãos sensoriais sofrem algum trauma, ou mesmo dano permanente, ficando incapacitados para produzir, em concurso com o ente material que afeta, uma sensação, Leibniz também afirma que a alma não é mais capaz de se aperceber de nenhum desses objetos, entrando num estado de grande confusão: “quando estamos desacordados por motivo de algum golpe, queda, sintoma ou outro acidente, formam-se em nós uma infinidade de sentimentos confusos, sendo que a própria morte não poderia causar outro efeito nas almas dos animais” (NE, II.i.§11, p.90).

Disso se segue também, é claro, a impossibilidade da alma desenvolver quaisquer conhecimentos, dado que não é mais capaz de se aperceber de suas idéias inatas: “quando o homem se reduz a um estado como que letárgico e quase destituído de sentimentos [sensações], a **reflexão e a apercepção cessam**, e não se pensa em verdades universais” (NE, II.ix.§14, p.109).

Deste modo, por conta da harmonia preestabelecida e das transformações a que seus corpos orgânicos estão sujeitos, todas as almas (animais e humanas) são passíveis de mergulharem na confusão e não mais se aperceberem da materialidade circundante. E as almas humanas, especificamente, também não mais se aperceberem das idéias inatas que trazem consigo em seu entendimento, nem das idéias retidas na memória. Ou seja, devido às transformações do corpo, a alma humana está sujeita àquilo que chamamos *percepção inconsciente*.

Não obstante, mesmo sem sofrer qualquer dano por conta de concussões, traumas, doenças, etc, Leibniz nos diz que os órgãos sensoriais do corpo ao qual a alma está ligada nem sempre são capazes de possibilitar a ela percepções claras acerca dos objetos materiais que a afetam, pois sua capacidade é limitada, tanto em alcance quanto em penetração: “[não possuímos] nem sentidos suficientemente penetrantes

para distinguir as idéias confusas<sup>30</sup>, nem suficientemente extensos para apercebê-las todas” (NE, IV.iii.§27, p.307).

Por isso, mesmo que se apercebam de um conjunto considerável de entidades, nenhuma alma deixa de ter percepções inapercebidas por causa disso. E as almas humanas não deixam de ter percepções inconscientes, i.e., pensamentos dos quais não se dão conta atualmente. É o que se constata, por exemplo, em relação aos objetos que estão muito distantes:

os objetos visíveis diminuem mais ou menos sua ação sobre a vista, à proporção da distância (...). Os raios visíveis são linhas retas, que se afastam proporcionalmente, porém existem linhas curvas, que após alguma distância parecem cair para a direita e não se afastam mais dela sensivelmente; isso acontece com as linhas assintóticas, onde o intervalo aparente da linha reta desaparece, embora na realidade permaneçam separadas eternamente. Acreditamos até que, ao final, a aparência dos objetos não diminui à proporção do aumento da distância, pois a aparência desaparece em breve inteiramente, embora o afastamento não seja infinito (NE, II.xxi.§63, pp.158-9).

Em meio a quaisquer de nossas experiências cotidianas também, onde sempre ocorre um número muito grande de afetações, Leibniz afirma que os órgãos sensoriais não são capazes de obterem a *sensação* de todas elas, visto que isso ultrapassa seus limites. De maneira que, mesmo acordados, é como se dormíssemos em relação a vários objetos que estão perto de nós:

Filaleto – Parece bem difícil conceber que (...) a alma pense em um homem adormecido, e no momento seguinte em um homem acordado [o mesmo homem], sem que se lembre disso. // Teófilo – Não somente isso é fácil de conceber, mas podemos até afirmar que algo de semelhante acontece todos os dias enquanto estamos em vigília; pois temos sempre objetos que atingem os nossos olhos ou os nossos ouvidos, e por conseguinte a alma também é atingida, sem que nos demos conta do fato, pois a nossa atenção está voltada a outros objetos, isto até o momento em que o objeto se torne suficientemente forte para atrair a si, redobrando a sua ação ou por qualquer outro motivo; era como um sono particular em relação àquele objeto, e esse sono se torna geral quando cessa a nossa atenção em relação a todos os objetos juntos. É também um meio para adormecer, quando repartimos a atenção para enfraquecê-la (NE, II.i.§14, p.91)<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> Idéias confusas dos sentidos.

<sup>31</sup> “Importa considerar que nós pensamos em uma quantidade de coisas ao mesmo tempo, mas só prestamos atenção aos pensamentos mais notáveis: não poderia ser de outra forma, pois se prestássemos atenção a tudo, seria necessário pensar com atenção a uma infinidade de coisas ao mesmo tempo, coisas que sentimos todas e que fazem impressão sobre os nossos sentidos. Digo ainda mais, permanece alguma coisa de nossos pensamentos passados, sendo que nenhum deles jamais será completamente apagado” (NE, II.i.§11, p.90).

A esses dois casos ligam-se as percepções que Leibniz chama de *insensíveis*<sup>32</sup>. E ele as designa desta forma não porque ocorram independentemente dos órgãos sensoriais, mas porque elas correspondem a estes órgãos sem estarem ligadas a nenhuma *sensação*. O que, para as almas animais e humanas, implica que ela é uma percepção sem *apercepção*.

Contudo, nem a própria *sensação*, que se apresenta como uma *percepção clara*, está isenta de confusão. Pois, ligado a todos os outros corpos do universo, o corpo orgânico está sujeito a uma cadeia infinita de afetações que a alma não pode perceber claramente, e que também entram na constituição daquelas percepções claras e notáveis: “aquilo que é notável deve estar composto de partes que não são notáveis” (NE, II.i.§18, p.93)<sup>33</sup>.

as percepções de nossos sentidos, mesmo quando [são] claras, devem conter necessariamente algum sentimento confuso, pois, simpatizando todos os corpos do universo, **o nosso recebe a impressão de todos os outros** e, embora os nossos sentidos se refiram a tudo, é impossível nossa alma a tudo poder atender em particular. Por isso são os nossos sentimentos confusos **o resultado** duma variedade completamente infinita de percepções. E é quase como o murmúrio confuso ouvido por quem se aproxima da beira do mar e proveniente da reunião das repercussões de vagas inumeráveis (DM, §33, p.79).

A estas percepções que entram na constituição das percepções claras, Leibniz designa pelo termo ‘pequenas’, pois são muito ínfimas para serem apercebidas, além de estarem encobertas pela clareza do conjunto que formam. Por isso, elas também são insensíveis. De maneira que nenhuma alma pode se aperceber delas. E as almas humanas não podem ter qualquer consciência de sua presença atual: “temos sempre uma infinidade de pequenas percepções, sem nos aperceber delas” (NE, II.xix.§4, p.127).

Gostaria de distinguir melhor entre percepção e entre se aperceber. A percepção da luz ou do calor, por exemplo, da qual nos apercebemos se compõe de uma série de **pequenas percepções**, das quais não nos apercebemos, sendo que um ruído de que temos percepção, mas no qual não prestamos atenção, se torna aperceptível por uma pequena adição ou aumento (NE, II.ix.§4, p.105).

nós temos pequenas *percepções*, das quais não nos damos conta no presente estado. É verdade que poderíamos muito bem apercebê-las e refletir sobre elas, se não fôssemos desviados pela sua multidão, que divide o nosso espírito, ou se não fossem apagadas, ou melhor, obscurecidas pelas percepções maiores (NE, II.ix.§1, p.105).

<sup>32</sup> O termo ‘insensível’ também será utilizado por Leibniz para designar as afetações promovidas pelos elementos inatos sobre o entendimento. Cf. NE, II.xxi.§48, p.155.

<sup>33</sup> A noção de que nosso corpo orgânico está sendo afetado por todos os corpos do universo será analisada no Cap.5, Parte II, desta Dissertação.

Assim, por conta desta análise, não apenas vemos que a limitada capacidade dos órgãos sensoriais impossibilita parcialmente a apercepção das almas animais e humanas, mas também que todas as *percepções claras* são na verdade *confusas*, i.e., percepções que guardam, encobrem, escondem outras tantas afetações sensíveis *não notadas*<sup>34</sup>: “Acredito que não temos idéias completamente claras acerca das coisas sensíveis” (NE, II.xxix.§2, p.197).

Por isso, Leibniz as designa como *percepções claras e confusas*, condizentes com as *imagens e idéias claras e confusas* presentes nas almas, pelas quais o ser humano, por exemplo, pode distinguir o objeto que afeta de um outro, mas não pode discernir suas características específicas a partir de notas enunciáveis, tendo de levar em conta apenas a simples *sensação*:

o conhecimento é *claro* quando possui aquilo pelo que posso reconhecer a coisa representada; e este conhecimento pode ser confuso ou distinto. Confuso, quando não posso enumerar em separado as notas necessárias para distinguir esta coisa de outras, ainda que a coisa possua realmente tais notas e requisitos que se podem decompor de sua noção: assim como reconhecemos com **claridade** suficiente as cores, odores, sabores, e outros objetos próprios dos sentidos e os diferenciamos uns dos outros, **mas pelo simples testemunho dos sentidos**, e certamente não por notas enunciáveis. Por esta razão não se pode explicar a um cego o que é o vermelho, nem fazê-lo conhecer as demais coisas desse tipo (...). De todas as maneira é certo que as noções dessas qualidades são compostas e se pode decompô-las em seus elementos, já que têm suas causas (GP, IV, *Meditações sobre...*, pp.422-3).

O fato de não conseguirmos enunciar as características específicas das cores, e termos de distingui-las somente pelo testemunho dos sentidos, porém, não implica na admissão de que os seres humanos tenham, em relação a esse tipo de objeto, apenas uma *apercepção sensível*, tal como a dos animais. Isso se comprova pelo fato de conseguirmos nomeá-las e, ao menos, distingui-las umas das outras desta maneira, pois a capacidade de nomear e enunciar prova a existência da apercepção, ou seja, da consciência. E isso mostra também que não temos consciência das características específicas das cores, dado que não conseguimos enunciá-las: “Qualquer um que afirme algo é consciente de uma sensação ou de uma razão presente, ou pelo menos

<sup>34</sup> Podemos considerar ainda um outro fator que leva à confusão das afetações sensíveis. Aquele que Leibniz denomina *interconexão dos órgãos sensoriais*, e que torna impreciso até mesmo o conhecimento da fonte sensorial que participou da produção da *sensação*: “segundo a experiência do falecido Sr. Mariotte sobre a falha da visão, quanto ao nervo ótico, parece que as membranas recebem o sentimento mais que os nervos, e existe alguma porta falsa para os ouvidos e o gosto, visto que os dentes e o *vertex* [parte superior do crânio] contribuem para fazer ouvir algum som, e os gostos se fazem conhecer de alguma forma pelo nariz, devido à interconexão dos órgãos” (NE, II.iii., p.96).

de uma recordação presente que se refira a uma sensação passada, ou da razão passada que se refira à percepção” (GP, IV, *Advertência*, p.356, art.6).

Constando como o paralelo material das apercepções animal e humana, a *sensação* vige no corpo com certa primazia frente às percepções claras da alma, pois não está em nosso poder o comando de tudo aquilo que acontece no âmbito dos objetos externos e sensíveis. Alia-se a isso a correspondência da alma e do corpo, e se segue exatamente o que mostramos neste capítulo, a saber: 1. a “morte” do corpo impossibilita as apercepções animal e humana; e, 2. as limitações dos órgãos sensoriais impossibilitam uma plena apercepção dos objetos materiais, de maneira que até mesmo as percepções claras estão repletas de confusão.

O mais surpreendente, porém, é o que veremos a seguir, pois, se é a *sensação* que possibilita à alma humana se aperceber tanto dos objetos sensíveis quanto dos objetos inatos, é ela também que desvia a atenção do espírito, dificultando que ele tome em separado (*in abstracto*) as idéias inatas de seu entendimento puro.